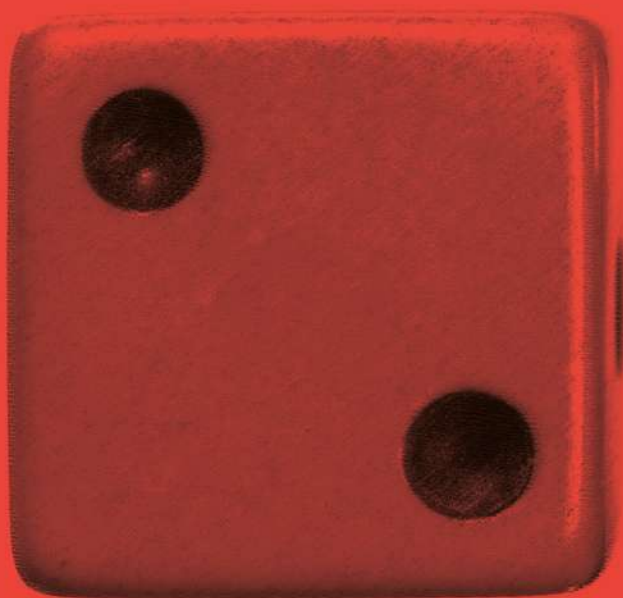


Antonio Di Benedetto

OS SUICIDAS

«Di Benedetto escreveu páginas essenciais que me comoveram e continuam a comover.»

Jorge Luis Borges



cavalo de ferro

PRIMEIRA PARTE

OS DIAS CHEIOS DE MORTE

O meu pai acabou com a própria vida numa sexta-feira à tarde.
Tinha trinta e três anos.

Na quarta sexta-feira do próximo mês, terei a mesma idade.

Embora a tia Constanza, com reservas mas sem tacto, tenha mencionado essa coincidência, não voltei a pensar no assunto até hoje, de certa forma, o tema veio ter comigo.

Na agência noticiosa, o meu chefe disse-me: «Pode ser a sua grande oportunidade.»

Sem me pedir opinião, atribuiu-me uma tarefa. Atirou-me para cima da secretária três fotografias e desafiou-me a descobrir aquilo que muito provavelmente ele mesmo já tinha observado.

– O que é que vê nelas?

Calculei que estaria à espera de uma dedução fora do comum. Inclinei-me, observei as fotografias, que exibiam, cada uma, um corpo humano, caído e vestido. E disse-lhe:

– Vejo que estão mortos, os três.

– Isso não é uma resposta muito perspicaz.

Encarei o sarcasmo como uma repreensão para que observasse melhor, só isso. Incomodou-me, mas transigi, sobretudo porque pressenti que estava a começar a decifrar as imagens. Afirmei:

– Uma mulher e dois homens.

Falei lentamente, como se fosse difícil perceber. Continuei, sem pressa:

– A mulher e este aqui ainda estão de olhos abertos. O terceiro não.

– Oh! – disse o chefe. Afastou-se da secretária e começou a andar.

Nesse momento pensei na minha falta de ter jeito para fazer piadas e decidi parar porque ele poderia faltar-se. E disse-lhe:

– Os que têm os olhos abertos ainda estão a olhar.

O chefe deteve-se, eu também.

Senti que tinha percebido e que me interessava aquilo que tinha percebido:

– Olham... como se olhassem para dentro, mas com horror.

Não precisava da sua aprovação – o som que me ofereceu – nem do silêncio com que me transmitiu a impressão de que faltava alguma coisa. Sim, no meu pensamento havia um sinal, confuso, até que consegui afirmar:

– Estão espantados, têm o espanto nos olhos e, no entanto, a boca tem uma expressão de prazer sombrio.

Não tive dúvidas de que acertara, de que lhe ampliara a visão. Isso estava garantido. Em seguida, e com urgência, precisava de saber a resposta ao que lhe perguntei:

– Mataram-nos?

– Não, mataram-se.

Este foi o embrião de uma série de crónicas. Um embrião informe.

Debatemos a série: história dos dois casos dos olhos espantados. Não conhecemos a história. Alguém, um profissional respeitável, forneceu as fotografias; não pode ajudar-nos, nem dizer-nos

quem são nem quem as tirou. Dois casos não chegam para uma série. Mas a sua história faz-nos falta. É preciso averiguar, fazer uma pesquisa por conta própria. A polícia não irá colaborar. Podemos tentar. Não irá colaborar, não fornece informações sobre suicídios. A notícia publicada tem um efeito de contágio. Suicídios por imitação, epidemia de suicídios, praga de suicídios.

Porquê o horror introspectivo? Porquê o prazer sombrio? Poderíamos generalizar, obter mais material para mais crónicas, para uma série se confirmarmos a generalização. Sim. Não pode ser a história de duas pessoas, nem duas histórias que já deixaram de ser notícia. Precisamos de casos recentes. Temos de esperar. Esperar o quê? Que aconteçam, e ver. Não, não é possível esperar, só temos dois meses. Já preparámos uma circular a propor esta série aos jornais. Podemos vendê-la a trinta vespertinos e a três revistas a cores. Quer uma coisa sensacionalista? Não, séria. A nossa agência não é sensacionalista. Como você disse vespertinos... Não disse mais nada. Para as revistas vai precisar de diapositivos. Porquê revistas a cores? Por causa do sangue, para se poder apreciar o vermelho; caso contrário tem de se assinalar com uma seta e explicar numa nota, e perde-se a força. Tem razão. Trabalhe com Marcela. Porquê Marcela? Não se esqueça da reportagem do avião que caiu na cordilheira. Ela sabe correr riscos. Neste caso não haverá riscos, vamos trabalhar com mortos. Não haverá? Espero que não. Mas nunca se sabe.

Argumento: Pedro era melhor, eu preferiria trabalhar com um homem. Ordena: Não, Marcela.

Sem o referir, penso em Marcela como um caso particular. É ascética, parece. É quase nova na agência e mal a conheço. Não gostamos um do outro. Não gosto dela, espalhei por aí. Alguém me

perguntou porquê. Eu disse: «Tem trinta ou trinta e dois.» Referia-me a anos de vida.

Saio e fico aliviado. Fascina-me o Verão. Fascina-me e rapidamente me põe o corpo pegajoso.

Caminha no passeio uma blusa discreta. Poderia dizer-lhe alguma coisa. Outra, decotada. Também a esta não digo nada, é inútil para criar laços, passam; mas olho-a, imagino como terá sido esse olhar, porque uma senhora olha para mim. É a censura e tenta controlar-me.

Penso na série. Terei de contactar pessoas que não me interessam porque não são os próprios; pessoas prudentes, desconfiadas (talvez Marcela me ajude a convencê-las; no seu estilo é um bom chamariz, tem trinta).

Ponho um pé na caixa do engraxador.

E terei de falar, de falar sobre isto.

Penso no meu pai. Eu era como este miúdo, o engraxador, pequeno como ele. Soube que ele tinha morrido, não sabia como. Chorei até secar, adormeci, acordei, a cerimónia continuava, as visitas sussurravam. Alguém, talvez a minha mãe, proclamava: «Morte injusta!» Percebi o porquê de ser injusta — deixava-nos sem ele —, mas não consegui perceber como é que a Morte entrou em nossa casa e se apoderou do meu pai. Porque de manhã estava vivo, de pé e saudável como toda a gente, e morreu durante a tarde enquanto havia sol, e eu pensava que a Morte era uma figura sinistra que atacava na escuridão da noite.

Pergunto ao rapaz que me engraxa os sapatos o que é a morte.

Levanta os olhos castanhos e encara-me, de baixo para cima, num misto de surpresa e timidez, mas sem parar de escovar.

A minha pergunta foi demasiado abstracta. Corrijo-me e sorrio para o atrair:

– Nunca morreu ninguém que tu conhecesses, um vizinho, um tio?...

A criança curva-se sobre o seu trabalho, concentra-se e diz:

– Sim, o meu pai.

Calo-me.

Observa-me de soslaio, com curiosidade: reparo que não me rejeita. Tento saber – será que comecei a trabalhar nas crónicas? – se conhece as implicações da morte, onde imagina que poderá estar quem morre.

Responde que o pai está num gavetão, mas que a mãe ao princípio dizia que ele tinha ido viajar e agora diz que ele está no Céu. Ele não acredita. Não acredita no Céu? No Céu sim, mas o Céu é para as pessoas boas e o pai batia na mãe.

Estou a passar um dia cheio de morte. Já chega. Entro num cinema que tem o *Alphaville* em cartaz. Trabalharei amanhã.

No entanto, de noite, afastado de Julia embora perto dela, recordo o que me disse o engraxador e constato que, na verdade, não obtive resposta para a minha pergunta inicial: O que é, para uma criança, a morte?

Peço a Julia que o averigüe junto dos seus alunos, na escola. Assusta-se, defende-se, perturba-se. Explico, apaziguo. As crónicas, o meu trabalho...

Recusa, peremptoriamente. Diz que não é normal.

«Eu não sou normal?...», e desarmo-a.

Sei perfeitamente que ela não disse isso.

Tomo o pequeno-almoço com a minha mãe. Normalmente, este é o único momento que passamos juntos.

Conta-me que esteve com Mercedes, a sua amiga, e a dona Mercedes disse-lhe: «Não tenho família, tenho televisão.» Oponho-me: «Tem filhos e netos, e vive com eles.»

– Sim, mas deixam-na sozinha: entram e saem; jantam com a televisão ligada.

Não me está a criticar, mas consigo deduzir naquelas palavras uma pequena lição de moral.

O calor, que está a apropriar-se do dia, perturba-me. A minha mãe repara. Desce as persianas, oferece-me a ventoinha.

Creio que a minha mãe é a única pessoa que gosta de mim.

– Gostava de viver num país com neve – diz.

Sempre o disse. E eu ofereci-lhe umas férias de Inverno. Renovo esse plano todos os anos.

Repito: «Este ano vamos.»

– Para onde?

– Para a neve.

– Ah, sim. Sim, filho, vamos.

Há certas manhãs em que se opõe e me diz para poupar dinheiro para um automóvel pequeno. «Tu precisas, por causa do teu trabalho.»

É deprimente, há quem consiga: automóvel e neve.

O meu irmão, que tem um *Fiat 1500*, oferece-se:

– Queres boleia?

A minha mãe percebe que esgotou a sua dose diária desse filho e fica triste. Reparo nisso, mas a minha vida está ligada à rua.

O meu irmão beija o filho e a filha e o segundo varão e o terceiro. O terceiro tem nas mãos, bastante destruída, a revista *Minotauro 7*. Reconheço-a pelos restos da capa. Dou-lhe um

estalo e tiro-lha. A minha cunhada, à porta da cozinha, diz: «Maurício!» Só isto. Dá o alarme ao marido, discute com ele por causa do irmão que o marido tem.

O meu irmão abstém-se. Diz: «Calma.» Parece um juiz.

No caminho, não fala.

Um imprudente mete-se à frente do carro e salva-se porque Mauricio trava a fundo. Podia insultá-lo, estava no seu direito; não o faz, faço eu.

Normalmente não insulto ninguém, excepto aos sábados.

Marcela está no turno da tarde. Não conseguirei vê-la antes das quatro. Certamente não foi avisada de que irá trabalhar comigo.

Aceituno, o cronista da agência que trabalha no Departamento Central de Polícia, não relaciona as fotografias com nenhum acontecimento em que tenha trabalhado. Fá-las circular entre os colegas da sala de imprensa e as imagens voltam para mim sem terem suscitado qualquer memória nos especialistas.

Aceituno põe-me em contacto com a polícia científica. Arranja-me um encontro com o chefe.

Peço, em nome da agência, uma colaboração informativa. A agência terá toda a colaboração de que precisar, a menos que se trate de casos a aguardar decisão judicial, delitos em segredo de justiça, abusos morais contra menores e suicídios.

Não mencionei as fotografias ainda. Farei de conta que não percebi que se enquadram nas excepções que me limitam.

Se tenho tempo para conhecer o museu interior? Sim, tenho. No fim, o que contará será a palmadinha nas costas.

Tomamos café junto à cabeça de um mafioso com a cara perfurada por três balas. Está há trinta anos na vitrina. Existe uma solução para conservar a cor da pele.

Fala dos «cadáveres judiciais» e apresento-lhe o problema: Se eu tiver a fotografia de um cadáver judicial – isto é, envolvendo circunstâncias que dão lugar a uma intervenção da polícia e da justiça –, mas desconhecer o seu nome e não tiver qualquer outra informação, como poderei identificá-lo?

Menciona o arquivo de pessoas desaparecidas, os relatórios de todas as autópsias, a memória visual dos técnicos, o critério selectivo que envolve toda a investigação determinando o sexo, a idade aproximada, a época em que morreu (pela roupa), o ambiente no local e muito mais.

– Então é possível?

– Totalmente possível.

Posto isto, puxo das fotografias e peço a identificação e a história.

Recebe-as, observa-as, afasta-as e diz:

– Aparentemente, são suicidas.

– *São* suicidas.

Então ele diz:

– Totalmente impossível.

Ao sair, passamos pelos gabinetes. Vejo uma rapariga de bata branca e pele muito branca. Repara em mim. Já é qualquer coisa.

Ando para escolher um restaurante que obedeça a dois critérios: peixe na brasa e pessoas que eu não conheça e que não me falem daquilo que eu já sei, porque saiu nos jornais e porque lemos as mesmas revistas.

Dou comigo diante de uma ementa de rua, juntamente com um turista que me pergunta onde se podem comer pratos típicos e muda de ideias, não sei se adivinhou os meus critérios para o almoço: quer que lhe diga como se chega ao aquário. Por fim agradece-me e declara: «Têm uma cidade muito bonita, vocês», a este elogio respondo que ele não pode dizer «têm» porque eu não tenho nada, a cidade não é minha. Talvez não nos tenhamos entendido porque ele diz: «Ah, o senhor também não é de cá.»

Estamos na época alta, e vêm-se muitos turistas, as turistas «dão nas vistas», é o que elas querem e é muito agradável.

A propósito, ontem à noite voltei a sonhar que andava nu.

Na agência, passo as fotografias à chefe do arquivo. Por defeito profissional, a primeira reacção é não dar grande importância ao que representam, vira-as: procura o número de registo e a data de entrada ou de publicação. Não há nada escrito nas costas das fotografias.

– Não são nossas – esclarece, desnecessariamente.

– Lembra-se delas por algum motivo? Dizem-lhe alguma coisa? Já está a apreciá-las.

– São fantásticas! – declara e quer saber mais: – Quem são? O que aconteceu a esta? Foi violada?

Depois vou ter com Bibi. Está de volta de uma revista polaca escrita em inglês. É a tradutora da agência, por isso, e porque a sua memória é indestrutível e ordenada, chamamos-lhe Ficheiro.

Ponho uma cadeira à sua frente, está sentada à secretária. Tento ser simpático, com a minha expressão facial.

– Vai ajudar-me?

Há quem a trate por tu, eu não. Normalmente não «está» comigo: não sou desportista, como ela; não vivo de chacota, como os outros.

– Qual é o assunto?

– Suicídio.

– De quem?

– Se eu soubesse... O meu não é, pelo menos isso.

– Ah, sim! – Ficheiro começa a funcionar: – O melanésio que se atira do cimo de uma palmeira e o N.º 350 que no dia 12 de Março de 1967 saltou da torre Eiffel. Demóstenes e Marilyn Monroe, Stefan Zweig e a mulher, Werther e Kirilov, Anna Karénina, Safo e o mundugumor que desembarca sozinho na ilha inimiga para que a tribo o coma. É tudo isso, não é?

– Tudo isso.

– E também: 1963, Vietname, os monges budistas de túnicas amarelas, a nafta e um pequeno fósforo; o haraquiri com uma espada de madeira para o guerreiro que ficou sem trabalho, coitado, não há guerra; o gás da cozinha para a senhora que não acredita no médico, a sua dor de estômago deve-se a um cancro, não é?

– Isso também, sim, e isto. – Mostro-lhe as fotografias.

Bibi concentra-se na sua observação, mas é evidente que não conclui nada. Resumo-lhe a situação, a fim de a situar, para que veja por onde deverei começar: resolver, pelo menos, aqueles dois casos. A história dos melanésios fica para depois.

No entanto, ela empenha-se, quer saber mais sobre o que se poderá saber pela polícia científica. Insisto que não haverá colaboração. Bibi avisa-me: «Tenho uma amiga», e nesse momento Marcela entra, silenciosa, e põe-se à espera. Bibi marca encontro comigo: «Amanhã à noite, no *bowling*.»

Pego nas fotografias, passo-as a Marcela e digo: «Vamos.»

Levo-a até lá abaixo, ao café. No elevador vai estudando a mulher caída.

Sentamo-nos. Desliza as fotografias sobre a mesinha, na minha direcção. Está atenta e espera, muito séria. Ainda não disse uma única palavra, nem me cumprimentou.

Pergunto-lhe se sabe do que se trata. Faz um gesto: mais ou menos.

Ali parada à minha frente, tão harmoniosa e fresca (talvez tenha acabado de tomar um duche), parece mais aceitável e não dá muita vontade de embirrar com ela.

Pergunto-lhe se seria capaz de fotografar um tremor.

Diz que sim, e por isso, para que ela saiba exactamente do que estou a falar, esclareço: «Um tremor de terra», e faço um *crack*.

Reitera a afirmação sem dar qualquer importância à tarefa.

Insisto: «O próprio tremor, não os seus efeitos e consequências: nem as pessoas a correr, nem uma parede rachada, nem a torre derrubada de uma igreja.»

Como ela confirma, pergunto-lhe o que fez durante o tremor de terra de segunda-feira. Fotografou-o?

– Estava a dormir e não dei por nada. Pensei que estava alguém a abanar-me a cama.

– Quem é que lhe abana a cama? – pergunto, com malícia.

– Um tremor de terra – explica, imperturbável.

Estará a pôr-me no meu lugar porque percebeu que tentei chocá-la? Seja como for, informo-a sobre o trabalho que temos em mãos, a série: «O mais provável é que todos eles sejam pessoas discretas.»

Concorda: «Sim.»

Aponta para a contraditória fisionomia da mulher e interroga-me com os olhos.

Explico-lhe que esse é o ponto de partida, e quando tenta saber se fui eu que escolhi o trabalho, digo-lhe que não estou com muito que fazer e pergunto-lhe se ela está.

Diz que não lhe deixam tempo para nada, há sempre coisas para fazer e estão sempre a dar-lhe ordens.

Pergunto-lhe o que gostaria de fotografar se lhe sobrasse tempo e película, e ela responde: «A pureza.» Faço-lhe notar que isso é tão abstracto e fugidio como o tremor.

Diz-me que também gostaria de fotografar a parte de trás das pessoas, porque é onde menos se cuidam, as pessoas pensam que só se vê o que querem que se veja – os olhos pintados, o bigode, a gravata italiana, o gesto inteligente. Digo-lhe que as costas e toda a parte de trás é o menos expressivo, e ela concorda, e acrescento que para isso mais valia fotografar pessoas adormecidas, embora não deva ser fácil entrar nos quartos das pessoas, sobretudo se dormirem acompanhadas, e que, de qualquer maneira, se quer indivíduos que não se importem de ser fotografados, tem os da série. E assim voltámos ao assunto que talvez não lhe agrade muito, mas esclareço que não fui eu quem a escolheu para aquele trabalho. Acrescento, inutilmente, que isso não impede que sejamos amigos.

Vendo que ela não responde à minha afabilidade, digo-lhe que temos de começar por descobrir quem eram os donos daqueles rostos; da polícia não podemos esperar nada e os colegas declararam não se lembrar de nada.

Encarrego-a de fotocopiar as fotografias e digo-lhe que vamos mostrá-las «a todos: ao contínuo, a três aviadores, a Jean-Louis

Trintignant e a Anouk Aimée, à minha tia Constanza, a Carlos Gardel e ao namorado de Marcela».

Faz um olhar desconfiado.

Creio que foi de propósito que referi o seu namorado, para ver se tem algum. Tenho de trabalhar com ela durante dois meses: se resultar...

Meia hora mais tarde estou a ver *Omicron*.

Depois procuro Julia.

Recebe-me com um maço de folhas de caderno escolar, que atira bruscamente para os meus braços, como se desejasse separar-se do seu contacto.

Imagino do que se trata, finjo ignorar (ponho-as por ordem, observo-as, mas não as analiso) e tento fazer uma expressão carinhosa e conciliadora. Não resulta: está em brasa.

Então, deixo-a desfrutar da sua cólera e pego na primeira página: «Tema: A morte.» Percorro as folhas seguintes. Têm caligrafias diferentes, mas o tema é constante.

Leio:

A morte de Bobby – «Chorei muito, muito. Foi enterrado debaixo de uma árvore e costume levar-lhe comida e água.»

(Não diz quem era Bobby, deve ter sido um cão. Pensa que ainda está vivo ou que alguma coisa nele ainda vive.)

Outra:

«Um camião tinha uma roda enterrada na berma. O homem fazia força com um ferro para levantar o eixo. Soltou a alavanca, recuou, caiu sentado e ficou

com as costas apoiadas na parede. Estava muito branco e mandaram-nos sair dali».

(Não concebe a morte: só sabe que viu um morto.)

Outra:

«O padre diz que há três espécies de mortos: os do Paraíso; os do Purgatório e os do Inferno, onde está muito calor, mais do que aqui no Verão e mais do que em África. Acho que vou gostar do Paraíso: parece um recreio. Também era bonito se fosse parecido com África e tivesse um lago para nadar.»

Outra:

«A morte deve ser uma senhora que vive ao pé de minha casa. Tem muitos gatos com sarna. É velha, suja e má. Por isso é que a deixam viver sozinha. Ninguém a quer.»

(A morte é uma pessoa.)

Decepcionado, paro. No entanto, sinto-me grato e comento:

– Decidiste ajudar-me...

– Vou perder o emprego! Quando o inspector vir o que os fiz escrever...

Zango-me:

– E ele tem de ver?

Inclino-me sobre as folhas.

Leio:

«O irmão da Rosita, que andava no liceu e estava doente, morreu. À hora da sesta, a Rosita chamou-me e perguntou-me queres vê-lo? Eu queria, mas perguntei-lhe e se nos apanham? Ela disse não está cá ninguém.

Um jornalista, figura egocêntrica, melancólica e pouco apreciada pelos demais, assíduo frequentador de cinemas e de encontros de boxe, é incumbido de escrever uma série de crônicas sobre os suicídios que têm ocorrido na cidade. Com Marcela, a fotógrafa, embrenha-se no seu trabalho de investigação, que tem tanto de policial como de ensaio antológico sobre esse acto misterioso e derradeiro, e acaba por se isolar quase masoquisticamente na sua obsessão, com consequências para a sua vida familiar e amorosa: há mais de uma dezena de suicidas na família, incluindo o seu pai, que se matou aos trinta e três anos, idade que o protagonista está em vias de completar. À medida que a data fatídica se aproxima, uma questão torna-se premente: será o suicídio hereditário?




Romance que encerra a «Trilogia da Espera» — iniciada com *Zama* e continuada com *O Silencioso* —, *Os Suicidas*, de Antonio Di Benedetto, prolonga, com a sua arte da precisão e da ironia, esse solilóquio narrativo que se propõe representar o mundo e a impossibilidade de nele viver, e que constitui um dos apogeus da Literatura do século xx.

«Leitor ardente de Dostoiévski, Di Benedetto sentiu-se naturalmente compelido a escrever sobre estados extremos — obsessão, delírio, agressão selvagem.»

The New Yorker



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896234034



9 789896 234034 >